

Dependência, Interdependência, e a falácia do desenvolvimento associado

Matheus Neves Sacramento¹

Resumo

Este artigo tem por objetivo expor as interpretações de Fernando Henrique Cardoso (FHC) quanto à Dependência e desenvolvimento, evidenciando, sempre que possível, contrapontos teóricos que nos aproximam de uma melhor interpretação da realidade. A partir da exposição das ideias de Cardoso, se faz necessária uma aproximação entre as ideias do autor, e suas práticas enquanto personalidade política. Dentro dos objetivos do texto, o que mais se mostra em evidência é a quebra da separação comumente feita entre as obras teóricas do autor, e suas políticas econômicas nos mandatos presidenciais. Essa aproximação reflete em outras conclusões, principalmente a de que as suas obras nunca tiveram cunho progressista, e sequer pertencem à Teoria da Dependência, mas fazem parte da concepção de “Interdependência”.

Introdução

Comumente, as formas mais utilizadas para classificar os países do Mundo são usadas de maneira equivocada. Analisar a conjuntura global não nos permite -ou não deveríamos- aglomerar tantas realidades distintas, processos históricos únicos em simples faixas de classificação como “desenvolvidos”, “subdesenvolvidos” e “em desenvolvimento”. Dar ao contexto razões puramente econômicas acarreta em rasas ou enviesadas conclusões.

Assim sendo, o estudo acerca do desenrolar histórico da América Latina permite que entendamos que há relações –ou “inter-relações”, como FHC configura em sua obra²- entre os componentes econômicos e os fatores sociais do desenvolvimento na análise da atuação dos grupos sociais. Ultrapassando a abordagem estrutural apenas, mas considerando também o processo histórico. Investigando não somente as características,

¹ Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Bolsista do Programa de Educação e Tutorial (PET).

² CARDOSO, Fernando Henrique. FALETTO, Enzo. Dependência e Desenvolvimento na América Latina: Ensaio de Interpretação Sociológica. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1970.

mas como essas economias vincularam-se historicamente nos arranjos e rearranjos do sistema econômico internacional.

Mas o que afinal deve ser usado como classificação para os países no que diz respeito a seu espaço no sistema produtivo? Subdesenvolvido, dependente, periférico, desenvolvido, central? Há uma classificação que de fato contemple a o processo histórico sem descartar as características estruturais, que consiga unir o âmbito econômico, o político e o social? Por essa razão o estudo da Teoria da Dependência se faz necessário não somente para situar a América Latina no contexto capitalista atual, mas também é de muito valor para aqueles que entendem que, independente da formação interna, cada país sofre, ou sente, com ações externas, pelo simples fato de estarem inseridos num modo de produção globalizado, que é o capitalista.

FHC introduz seu debate acerca da dependência, com a colaboração de Enzo Faletto no fim da década de 1960. Período em que os ideais Cepalinos³ ganhavam cada vez mais espaço entre os âmbitos político-econômicos. Pensamentos que tinham como fim, a implantação das políticas nacionais desenvolvimentistas.

Talvez pelo fato de carregar em sua análise bagagem como sociólogo, suas conclusões traziam, sempre que possível, nexos entre os eixos sociais e econômicos, destacando que para uma completa e referenciada análise, isolar as duas áreas é um grande erro, pois tanto há elementos sociais presentes no eixo econômico, como também se vê elementos econômicos nos processos sociais.

Não é suficiente [...] substituir a perspectiva econômica da análise por uma perspectiva sociológica; o desenvolvimento é em si mesmo um processo social; mesmo seus aspectos puramente econômicos deixam transparecer a trama de relações sociais subjacentes. Por isso não basta considerar as condições e efeitos sociais do sistema econômico. (CARDOSO, 1970, p. 497)

E precisamente por entender que não há o descolamento do âmbito econômico e o âmbito político e social, faz uma rasa tentativa de nos mostrar outra maneira para

³ Ideais da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL)

classificação e divisão entre os países. Economias “Centrais” e “periféricas” fazem parte também da interpretação acerca desenvolvimento e dependência, que apesar de incorporar de uma maneira mais clara a respeito das posições ocupadas, elas poucos explicam casos de excepcionalidades regionais, por exemplo. Veremos mais a frente que não interpretadas de forma correta as classificações se tornam incompletas.

Investigar o plano teórico de FHC é mais intrigante do que se possa parecer. Raramente vemos casos de personalidades acadêmicas ocuparem os espaços alcançados por Cardoso. Sociólogo por sua formação fez parte de Ministérios⁴, e mais a frente, foi eleito Presidente da República⁵. Não é muito comum termos a chance de analisar a prática dos que estão no poder político relacionando-a com suas próprias bases teóricas.

Aos que não fazem a devida conexão, as práticas e as teorias do ex-presidente podem ser vistas como contraditórias. Na aparência há um afastamento daqueles ideais, dados até como progressistas, que estavam presentes nos seus escritos. Afastamento das relações que fez, unindo o âmbito econômico ao desenvolvimento das sociedades. Por muitos, FHC como teórico é interpretado como progressista, com vínculos às ideias da esquerda da época.

Superando a falsa contradição

A aparente contradição surge quando analisamos as políticas traçadas em seus mandatos. O Brasil da década de 90 foi guiado pelos ideais neoliberais, tendo como um dos ícones FHC, o mesmo que escrevera sobre a situação da dependência e subdesenvolvimento latino-americana. Ultrapassamos então a imagem de teórico progressista e a substituímos por suas intervenções que trouxeram descabidas e prejudiciais privatizações para muitos setores da nossa economia. Para muitos existe a clara divisão de ideais entre o FHC como pensador, e o que esteve à frente do âmbito político.

Entretanto, uma investigação mais aguda nos permite enxergar pontos que aproximam bastante essas duas facetas de FHC. Com uma boa análise vemos que na essência o ex-

⁴ Ministro das Relações Exteriores do Brasil entre 5 de outubro de 1992 e 19 de maio de 1993, no Governo Interino de Itamar Franco. Foi também Ministro da Fazenda, logo em sequência, de 20 de maio de 1993 à 30 de março de 1994, ainda no Governo de Itamar Franco.

⁵ Foi Presidente da República por dois mandatos consecutivos, permanecendo de 1995 a 2003.

presidente já apontava em suas teorias grande parte do que foi feito por seus governos. Como aponta Carcanholo:

O processo político de implementação da ideologia neoliberal – executado pelas gestões de FHC na presidência do país, e por seus posteriores substitutos no plano democrático-republicano das eleições – teve como âncora teórica a interpretação deste autor sobre a dependência e entrou para a história política brasileira como a saga da “privataria tucana”. (Carcanholo, 2014)⁶

Aqueles que não abriram mão de uma análise materialista que não somente exponha as aparências, mas explique as essências, conseguiram enxergar no texto de Cardoso elementos que dão um caminho sensato ao que no fim resultou na “interdependência” ao capital.

Como já expressa acima, a confusão cometida comumente sobre as reais ideologias de Fernando Henrique Cardoso é desvendada com as contribuições que de fato pertencem à escola marxista da Dependência. Através delas é possível traçar a real interpretação acerca da colocação da América Latina no modo capitalista da época, e ainda, por questões óbvias, separar aqueles pensamentos próximos, ou relacionados ao tema, mas que não dão o suporte necessário, não abordam de acordo com a totalidade, por mais que tentem. O acalorado debate da Dependência não deve ser desligado das investigações sobre o cenário capitalista atual. Conseguir distinguir fundamentos teóricos entre as interpretações marxistas e estruturalistas é um desafio. Por mais que apareça de forma atrativa, o entendimento de FHC a respeito da teoria da dependência não é de fato visando uma autonomia latino-americana. Surge então uma nova denominação para a linha de pensamento que o contemple. A teoria da Interdependência, assim chamada, por mais que seja provinda da Teoria da Dependência “clássica”, tem seu diferencial nos mecanismos de interação e conexão entre as economias desenvolvidas, as intermediárias, e as subdesenvolvidas. E revela sem confusões o posicionamento real daqueles que a defendem. Por mais que as causas

⁶ Reinaldo Carcanholo, no prefácio da obra ‘A Teoria da (Inter) Dependência de Fernando Henrique Cardoso’ de Roberta Traspadini.

sejam de certa forma, consenso, ou próximas, as consequências e saídas aparecem de forma destoante uma das outras. Assim dizendo Carcanholo:

O pensamento e a intervenção política de FHC têm explicitado o lado em que ele se encontra na luta de classes e a possibilidade, ou não, de realizar sua leitura de desenvolvimento frente às contestações da classe trabalhadora que culminem em reais disputas de poder. No passado e no presente, o debate sobre a dependência e o desenvolvimento relata a disputa política das ideias: a ordem dominante e a contraordem necessária para sua superação. (Carcanholo, 2014)

A visão de Cardoso sobre a situação

Iniciada a abordagem sobre os pensamentos de FHC, nada mais correto que apontar em sua própria obra, os elementos que para ele se configuram como determinantes para o entendimento da dependência. O objetivo não é puramente apontar falhas, mas a partir delas alcançar um entendimento mais amplo sobre o início do processo histórico em que a industrialização nos submeteu.

Levando em conta a união entre as análises econômicas –aquelas que acreditam na possível passagem do subdesenvolvido para o desenvolvido- e as interpretações sociológicas, buscou-se explicar melhor essa transição rumo ao desenvolvimento, não restrito apenas ao caráter econômico, mas que visava também analisar a transição das sociedades “tradicionais” para as sociedades “modernas”, para que se chegasse a uma conclusão não somente vinculadas às particularidades econômicas estruturais, mas evidenciando o papel que o processo histórico –mais uma vez, não só econômico, mas também os ligados às relações de poder, a interação entre as classes, e a interação do país não só internamente, mas com o resto do sistema mundial- exerce no desenrolar do tempo.

Começaremos então a destrinchar termos e elementos presentes na análise do subdesenvolvimento. E para isso, se mostra necessário passar pelas conexões entre o sistema econômico e a organização político social das sociedades subdesenvolvidas,

mas não apenas as que se mostram internamente a elas, mas também na relação com as sociedades desenvolvidas.⁷ A perspectiva do processo histórico de formação do sistema produtivo proporciona uma distinção, não elementar, mas necessária; em alguns casos é possível notar que as relações desses países com economias externas, sobretudo as desenvolvidas, se dá em termos “coloniais”. Enquanto em outros casos as economias periféricas são enquadradas em “sociedades nacionais”. Vale ressaltar que, em certas situações, a vinculação ao mercado mundial ocorrera posteriormente à sua formação nacional. Já em outras, a estrutura de colônia dá espaço para a transformação nacional, mas mantém-se em situação de subdesenvolvimento.

Mas há algo de comum nos diferentes casos de subdesenvolvimento. Em qualquer um deles, a situação de subdesenvolvimento se firmou quando o avanço do capitalismo – antes comercial, e depois o industrial- acoplou, em um mesmo meio, economias que passaram a ocupar posições distintas na estrutura global capitalista. Não existindo apenas uma simples diferença nos graus de diferenciação que essas economias apresentam, mas há, sobretudo, uma diferença de funções ou posições dentro da mesma dinâmica produtiva. Isso é uma das evidências de que esta é uma estrutura definida de relações de dominação.

Em todo caso, a situação de subdesenvolvimento produziu-se historicamente quando a expansão do capitalismo [...] vinculou a um mesmo mercado economias que, além de apresentar graus variados de diferenciação do sistema produtivo, passaram a ocupar posições distintas na estrutura global do sistema capitalista. Desta forma, entre as economias desenvolvidas e as subdesenvolvidas não existe uma simples diferença de etapa ou de estágio do sistema produtivo, mas também de função ou posição dentro de uma mesma estrutura econômica internacional de produção e distribuição. Isso supõe, por outro lado,

⁷ Para FHC, é importante distinguir a situação dos países “subdesenvolvidos” e a dos “sem desenvolvimento”, uma vez que este último se refere historicamente à situação das economias que não mantêm relações de mercado com os países industrializados, mesmo que sejam cada vez mais escassos.

uma estrutura definida de relações de dominação.
(CARDOSO, 1970, p. 507)

Entretanto, o conceito de subdesenvolvimento comumente pregado está relacionado às características estruturais, como o predomínio do setor primário, forte concentração de renda, pouca diferenciação do sistema produtivo, sobretudo o poderio do mercado externo sobre o interno. Não que essas sejam falsas premissas, mas tais “adjetivos” não explicam de forma suficiente a dinâmica exposta.

O reconhecimento [...] da situação de subdesenvolvimento requer mais do que assinalar as características estruturais das economias subdesenvolvidas. Há que se assinalar, com efeito, como as economias subdesenvolvidas vincularam-se historicamente ao mercado mundial e a forma em que se constituíram os grupos sociais internos que conseguiram definir as relações orientadas para o exterior que o subdesenvolvimento supõe. (CARDOSO, 1970, p. 507)

Só a partir desse tipo de análise que podemos notar indícios de dependência no âmbito político-social. Dependência esta que tem seu início concomitantemente a expansão das economias capitalistas originários.

Por ora, as classificações de “subdesenvolvido”, “periférico”, e “dependente” podem parecer compostas do mesmo significado, mas apesar de usualmente representarem o mesmo intuito linguístico, é preciso ter noção sobre o que cada termo tem por representar.

A noção de subdesenvolvimento é usada para caracterizar o estado ou o nível de diferenciação encontrado no sistema produtivo, mas não reforça as formas e métodos de controle das decisões de produção e de consumo, seja internamente –modo capitalista ou socialista- ou externamente –colonialismo ou periferia de mercado-. As noções de “periferia” e “centro” mostram de uma forma mais didática, mais explícita, as funções

exercidas pelas economias desenvolvidas –centrais- e as subdesenvolvidas –periféricas- no cenário capitalista mundial, mas desconsideram fatores internos, como os político-sociais. Já a noção de dependência assume lugar nas condições de funcionamento do sistema econômico e político, evidenciando os vínculos entre ambos, tanto no que se refere ao âmbito interno dos países como no âmbito externo a eles.

A esfera política, as relações de poder, e as organizações sociais interferem de maneira concisa no processo de desenvolvimento, logo, argumentos puramente ligados aos estímulos e reações do mercado são insuficientes para explicar a industrialização, e o “progresso econômico”, de fato. Vide casos na América Latina, cujo a industrialização não partiu de um projeto de autonomia crescente capaz de promover mudanças nas relações entre as classes. Foi fruto de tentativas de se lançarem, ou manterem no mercado internacional, a base de políticas de desvalorização para lançar ou continuarem lançando seus principais produtos de exportação. Essa desvalorização teve como consequência direta o surgimento de um terreno fértil para a industrialização. Tal “fenômeno” não nos permitiu alcançar o patamar de país desenvolvido ou “autônomo”, sequer “central”. Apenas modificou nossas estruturas de relações econômicas para com o mercado externo. Como explica Cardoso:

Para que tais estímulos ou mecanismos de defesa da economia subdesenvolvida possam dar início a um processo de industrialização que reestruture o sistema econômico e social, é necessário que se hajam produzido no mesmo mercado internacional transformações ou condições que favoreçam o desenvolvimento, mas é decisivo que o jogo político-social nos países em vias de desenvolvimento contenha em sua dinâmica elementos favoráveis a obtenção de graus mais amplos de autonomia.
(CARDOSO, 1970, p.509)

Dependência, subdesenvolvimento, e a tentativa de se mudar a realidade

Realizada a passagem pelos termos abordados por FHC em sua temática sobre dependência, veremos agora a interpretação que o autor tem a propor quanto aos encaminhamentos a serem seguidos para se alcançar o famigerado desenvolvimento.

Diferente da proposta de FHC, a Teoria da Dependência buscava demonstrar que o subdesenvolvimento dos países periféricos estava conectado com o avanço dos países centrais ou industrializados. Conectados de tal forma que o desenvolvimento e o subdesenvolvimento se mostrariam aspectos distintos, mas pertencentes ao mesmo movimento. Comumente o subdesenvolvimento era considerado uma etapa que antecedia o desenvolvimento, uma condição necessária. Décadas se passaram, mas a necessidade em questionar a existência de uma relação de subordinação ainda vive. Principalmente na dinâmica atual de acumulação capitalista, regida pelos grandes capitalistas financeiros.

Roberta Traspadini(2014) em sua obra ‘A Teoria da (Inter) Dependência de Fernando Henrique Cardoso’ aborda as conclusões teóricas de FHC como um aspecto paralelo ao real conteúdo da teoria da dependência. Afirma a hipótese de que Cardoso não formula de fato uma saída para a autonomia latino-americana, mas sim, defende a interdependência, entendendo a dependência como uma relação determinada por diferentes formas de estruturas político-sociais internas. E que se configura como uma prova material de que não há o descolamento entre o Fernando Henrique como pensador, e aquele que ocuparia cargos de representação e ditasse as políticas econômicas.

A concepção de interdependência, explicada como conexão entre vários processos e organização, tanto interna quanto externa das nações diante do novo cenário internacional, era o argumento central de FHC, que volta com força quinze anos após a assertiva da hipótese deste livro sobre a efetivação, no plano político, das ideias consolidadas por este sujeito político integrado à classe burguesa (inter) nacional (TRASPADINI, 2014, p. 28).

Para FHC, o desenvolvimento dependente e associado, a interdependência, são os pressupostos necessários para o desenvolvimento e a inclusão dos países latinos na dinâmica capitalista mundial. Entretanto essa alternativa finda qualquer possibilidade de desenvolvimento autônomo para os países do continente, uma vez que o modelo de

desenvolvimento sustentado por FHC expõe de forma direta, que as economias periféricas da América Latina têm de estar alinhadas, subjugadas à lógica imposta pelos países ditos como desenvolvidos, fazendo valer a subordinação política, e a dependência econômica.

Fazendo-se valer da diferenciação entre empresários tradicionais e modernos, proposta por Schumpeter, FHC identifica a classe empresarial brasileira como uma burguesia industrial impossibilitada de conduzir um projeto de desenvolvimento, por se comportarem de maneira difusa e não planejada: ora se aliam ao capital estrangeiro, ora recorrem aos planos nacionalistas Estatais. Entrelaçam-se à burguesia tradicional, mas anseiam os encantos da burguesia industrial.

Para o autor, é na heterogeneidade empresarial que vai estar ressaltada a especificidade do modelo dependente brasileiro, mostrando que não há como pensar o desenvolvimento nos moldes dos países centrais. Ao contrário, o desenvolvimento dependente e associado seria a única alternativa viável para que a economia brasileira conseguisse romper com seu atraso (TRASPADINI, 2014, p. 47).

E entendendo assim o comportamento do empresariado brasileiro, Cardoso defende a inserção internacional subordinada, visto que para ele o desenvolvimento das economias periféricas só ocorreria através da internacionalização das transformações do capitalista. Para Cardoso, a nova face da dependência estaria centrada na dinâmica do processo capitalista que foi alterado, onde a relação do mercado internacional ultrapassa a situação de meras trocas entre os países com graus de produções distintas como no período primário exportador, se configurando agora através dos investimentos estrangeiros diretos no interior das economias periféricas. Ou seja, a integração entre os países propiciaria um novo caminho ao desenvolvimento, traçado pelo

rearranjo de prioridades atribuídas ao tripé do desenvolvimento: capital nacional privado, capital internacional e Estado” (TRASPADINI, 2014, p. 85).

Segundo Traspadini(2014), o que Cardoso tenta demonstrar é o oposto do pressuposto da real Teoria da Dependência. Para FHC, a dependência não é resultado do próprio desenvolvimento das economias centrais. Sendo o desenvolvimento dos países dependentes nada mais que o reflexo do próprio desenvolvimento das economias desenvolvidas, ou centrais, no que diz ser a reprodução interna das mesmas contradições sociais presentes numa sociedade capitalista avançada. FHC trata a dependência como algo inerente ao desenvolvimento capitalista, sendo necessário submeter-se aos vínculos de interdependência.

O sociólogo sequer se aproxima do real ponto de análise inerente à Teoria da Dependência, que é a utilização das relações de valor-trabalho para explicar como a dependência e o subdesenvolvimento são resultados do avanço dos países desenvolvidos, por meio da exploração e extorsão dos países periféricos. A Dependência latina é considerada para o pensador como o resultado da correlação de forças internas –burguesia nacional- que, atuando de forma subordinada, sustenta ainda mais a relação de dependência aos países centrais. O que FHC não leva em consideração, é a influencia do capital estrangeiro nessa relação “dependente”, ao contrário, defende o desenvolvimento dependente e associado.

Considerações finais

O artigo em desenvolvimento não tem como finalidade esgotar o debate acerca da dinâmica capitalista imposta à América Latina. Em vez disso, enaltecer aqueles que de fato somaram para investigações que tinham como objetivo comum a emancipação latino-americana. Estudar a Teoria da Dependência é imergir, talvez, no miolo dos problemas enfrentados hoje, não restritos ao continente americano, mas à todas economias periféricas. Estudar a Teoria da Dependência é ter a chance de analisar as estruturas de exploração da força de trabalho em suas formas mais distintas. É a oportunidade que temos para que em um momento como o que atual, de transição no

modo de acumulação capitalista, regida pelas grandes casas financeiras, não perdermos a centralidade do debate, e que busquemos sempre a abordagem mais sincera sobre a, infundável, luta de classes.

Por ora, a intenção deste texto foi a contraposição às ideias de Fernando Henrique Cardoso acerca da dependência latina. Por muito tempo as ideias de Cardoso tiveram interpretações equivocadas quanto ao real posicionamento sobre o desenvolvimento do continente. Equívocos que não permitiram uma avaliação sensata sobre as políticas econômicas tomadas durante os seus mandatos como presidente da república. Uma boa análise permite ver que, as ações políticas do governo FHC têm base e fundamento desde seus escritos da década de 1960. O que está sendo proposto é que não há uma contradição entre as ideias e as práticas de FHC, e sim, a dificuldade em enxergar que os seus escritos condizem com suas ações como representante político. Desmistificando essa falsa contradição fica ainda mais evidente o real caminho traçado por ele para se chegar ao desenvolvimento brasileiro. Dando voz à Carcanholo(2014):

o pensamento de FHC não foi de esquerda e nem mesmo progressista; nunca pertenceu à verdadeira teoria da dependência que, formulada naquela oportunidade por outros autores, teve ampla repercussão. Assim, deixemos a teoria da dependência e, mais que ela, a perspectiva dialética sobre a dependência a quem realmente merece: Ruy Mauro Marini. Que fique para FHC a miséria teórica de uma concepção sobre a “interdependência”.

Bibliografia

CARDOSO, Fernando Henrique. FALETTO, Enzo. **Dependência e Desenvolvimento na América Latina: Ensaio de Interpretação Sociológica**. 7º ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1970.

TRASPADINI, Roberta. **A Teoria da (Inter) Dependência de Fernando Henrique Cardoso**. São Paulo: Outras Expressões, 2014.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico no Brasil**. São Paulo: Difusão Europeia, 1964.